

**CENTRO UNIVERSITÁRIO UNINOVAFAPÍ
COORDENADORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA E INSTITUCIONAL**

HÉLIO CLEIDILSON DE OLIVEIRA SENA

**A MEDICALIZAÇÃO E O PAPEL DO PSICOPEDAGOGO NO TRATAMENTO DO
PACIENTE DIAGNOSTICADO COM TDAH**

**TERESINA
2021**

HÉLIO CLEIDILSON DE OLIVEIRA SENA

**A MEDICALIZAÇÃO E O PAPEL DO PSICOPEDAGOGO NO TRATAMENTO DO
PACIENTE DIAGNOSTICADO COM TDAH**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Centro Universitário UNINOVAFAPI
como requisito para obtenção de Título de
Pós-Graduação em Psicopedagogia Clínica e
Institucional.

Orientadora: Profª Dra. Eliene Maria Viana de
Figueirêdo Pierote

**TERESINA
2021**

FICHA CATALOGRÁFICA

S247m Sena, Hélio Cleidilson de Oliveira.

A Medicalização e o papel do psicopedagogo no tratamento do paciente diagnosticado com TDAH. Hélio Cleidilson de Oliveira sena. – Teresina: Uninovafapi, 2021.

25. p.; il. 23cm.

Monografia (Pós-Graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional) – Centro Universitário UNINOVAFAPI, Teresina, 2021.

Orientador (a): Prof. Eliene Maria Viana de Figueirêdo Pierote. Centro Universitário UNINOVAFAPI, 2021.

1. TDAH. 2. Medicalização. 3. Psicopedagogia. I. Título. II. Pierote, Eliene Maria Viana de Figueirêdo.

Catálogo na publicação
Antonio Luis Fonseca Silva– CRB/1035
Francisco Renato Sampaio da Silva – CRB/1028

ATA DE DEFESA PUBLICAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA E INSTITUCIONAL.

Aos 23 dias do mês de julho de 2021 ocorreu a defesa do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: "OS DISCURSOS DO USO DA MEDICALIZAÇÃO PARA O TRATAMENTO DO PACIENTE COM TDAH".

A Banca Examinadora foi composta pelos professores:

Renata Miyabara

Ariane Viana Martins

A Banca após avaliação do trabalho emite o seguinte parecer:

Aprovado com ressalvas

Professores membros da Banca:

(Presidente)

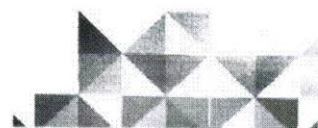


Ariane Viana Martins

(1º examinador)

(2º examinador)

Aluno (a): HÉLIO CLEIDILSON DE OLIVEIRA SENA.



SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 A ORIGEM DO TERMO TDAH	6
3 A IMPORTÂNCIA DO PAPEL DO PSICOPEDAGOGO	9
4 METODOLOGIA	12
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	13
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS	23

A MEDICALIZAÇÃO E O PAPEL DO PSICOPEDAGOGO NO TRATAMENTO DO PACIENTE DIAGNOSTICADO COM TDAH

MEDICALIZATION AND THE ROLE OF THE PSYCHOPEDAGOGUE IN THE TREATMENT OF PATIENTS DIAGNOSED WITH ADHD

Hélio Cleidilson de Oliveira Sena¹
Eliene Maria Viana de Figueirêdo Pierote²

RESUMO: Este trabalho foi intitulado como “A medicalização e o papel do psicopedagogo no tratamento do paciente diagnosticado com TDAH”, tem como **objetivo geral:** Estudar o uso da medicalização no tratamento do paciente diagnosticado com TDAH. **Metodologia:** O tipo de pesquisa abordada foi o levantamento bibliográfico, através da coleta de dados de estudos secundários qualitativos de artigos científicos, selecionados através da revisão sistemática, a busca na literatura foi realizada nas bases de dados da SIELO, utilizando o seguinte descritor: TDAH, sendo selecionados 18 artigos para a revisão e divididos em 4 categorias de análise, as quais são: *Diferentes versões do TDAH; versões sobre o TDAH na mídia; sobre a crítica a medicalização; e sobre psicoeducação.* **Resultados:** A partir dos trabalhos analisados nas 4 categorias, observa-se que o uso da medicalização no tratamento de pacientes com TDAH é alvo de grandes críticas pelos pesquisadores, pois, para muitos, a medicação mexe com a subjetividade do indivíduo e na forma de estar no mundo, tornando-os sujeitos alheios ao mundo em que vivem. **Conclusão:** Este estudo mostrou muitas divergências no discurso de usar ou não a medicação no tratamento do paciente diagnosticado com TDAH. Dessa forma, torna-se evidente a necessidade de pesquisas futuras que tratem da problematização do uso da medicalização no tratamento adequado do TDAH, para que as pessoas que dele precisam possam otimizar o seu processo de ensino e aprendizagem e oferecer maior segurança e orientações aos profissionais envolvidos no acompanhamento, sobretudo os psicopedagogos.

PALAVRAS-CHAVE: TDAH; Medicalização; Psicopedagogia.

ABSTRACT: This paper was entitled "The medicalization and the role of the psychopedagogue in the treatment of patients diagnosed with ADHD", has as its general objective: To study the use of medicalization in the treatment of patients diagnosed with ADHD. **Methodology:** The type of research approached was the bibliographic survey, through data collection of qualitative secondary studies of scientific articles, selected through systematic review, the literature search was performed in the SIELO databases, using the following descriptor: ADHD, being selected 18 articles for the review and divided into 4 categories of analysis, which are: *Different versions of ADHD; versions about ADHD in the media; about criticism of medicalization; and about psychoeducation.* **Results:** From the papers analyzed in the 4 categories, it is observed that the use of medicalization in the treatment of patients with ADHD is the target of great criticism by researchers, because, for many, medication messes with the subjectivity of the individual and in the way of being in the world, making them subjects alien to the world in which they live. **Conclusion:** This study showed many divergences in the discourse on whether or not to use medication in the

¹ Aluno do Curso de Pós-Graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional da UNINOVAFAPI Turma II. Teresina (PI). Brasil. E-mail: heliocleidilson@hotmail.com;

² Professora Adjunta / Pró-reitora de Extensão, Assuntos estudantis e Comunitários - PREX/UESPI. Teresina (PI). E-mail: elienepierote@gmail.com

treatment of patients diagnosed with ADHD. Thus, it becomes evident the need for future research that addresses the problematization of the use of medicalization in the appropriate treatment of ADHD, so that people who need it can optimize their teaching and learning process and offer greater security and guidance to professionals involved in monitoring, especially psychopedagogues.

KEY WORDS: ADHD; Medicalization; Psychopedagogy.

1 INTRODUÇÃO

O tema “problemas de aprendizagem” é recorrente no meio acadêmico e escolar e vem sendo trabalhado e estudado por muitos autores e pesquisadores. Muitos profissionais da área da saúde e educação têm-se debruçado nos estudos e nos processos de avaliação, diagnóstico e intervenção dos problemas de aprendizagem, que têm aumentado bastante nestas últimas décadas, principalmente nas intervenções de pacientes com transtorno do espectro autista – TEA, dislexia, discalculia, disgrafia e o transtorno do déficit de atenção e hiperatividade – TDAH, e, dentre os profissionais que atuam nestes tratamentos, o psicopedagogo tem se destacado e exercido um importante papel neste acompanhamento com pacientes considerados com problemas e transtornos que afetam seu processo de aprendizagem e o lado comportamental.

O foco deste trabalho será o estudo do uso da medicalização no tratamento do TDAH, em que os diagnósticos de pacientes atestados com este transtorno têm aumentado consideravelmente no Brasil e no mundo, que, segundo Schmidek *et al* (2018), o número de crianças e adolescentes diagnosticados com TDAH é em torno de 5,29% na esfera global, e o papel do psicopedagogo no tratamento do paciente diagnosticado com TDAH.

Diante dos vários trabalhos realizados nas mais diversas fontes de dados têm-se observado o aumento de pesquisa no estudo do TDAH, principalmente na dicotomia de uso ou não uso de medicação para tratar o paciente que é diagnosticado com esse transtorno.

Diante da importância de estudar essa temática, em que os casos aumentam a cada dia, o problema de pesquisa é: O que as pesquisas revelam sobre o uso da medicalização no tratamento do paciente diagnosticado com TDAH?

A pesquisa tem como objetivo geral estudar o uso da medicalização no tratamento do paciente diagnosticado com TDAH. E, de modo específico, caracterizar o termo TDAH; compreender o papel do psicopedagogo no tratamento do TDAH; estudar os pontos comuns e divergentes no uso da medicalização no tratamento do TDAH.

Assim, a arquitetura deste artigo foi composta por 6 seções, que foram fundamentais para a tessitura da escrita. A primeira é a seção introdutória, na qual apresenta-se a justificativa, a delimitação do tema, o problema e o objetivo da pesquisa; na segunda seção aborda-se o conceito do termo TDAH, na terceira sobre o papel do psicopedagogo, no quarto abordo os caminhos metodológicos percorridos; na quinta, discute-se os resultados através dos artigos selecionados; e, na sexta e última seção, as considerações finais da pesquisa.

2 A ORIGEM DO TERMO TDAH

O número de doenças e transtornos emocionais relacionadas à saúde mental da população mundial tem aumento nos últimos anos e, dentro dos principais transtornos, está o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade - TDAH, que para a literatura médica é considerando um transtorno que está relacionado ao neurodesenvolvimento e diretamente marcado pela desatenção, hiperatividade ou impulsividade, que inicia na fase de criança e vai até a vida adulta, conceito este afirmado por Wagner et al, que dizem que o “TDAH é um transtorno neurodesenvolvimental caracterizado pela presença de desatenção, hiperatividade e/ou impulsividade presentes em um nível mais frequente e grave do que aquele tipicamente observado em indivíduos em nível equivalente de desenvolvimento”. (WAGER *ET AL*, 2016, p. 573). Os mesmos autores afirmam que é estimado aproximadamente em 5% o percentual mundial de pessoas diagnosticadas com TDAH e que os sintomas do transtorno iniciam na fase da infância, prevalecem na fase da adolescência e vão até a vida adulta.

O TDAH também é caracterizado como uma síndrome que afeta o neurocomportamento e que pode comprometer os níveis de relações sociais e emocionais do paciente, tanto em casa como na escola e nos diversos ambientes sociais e familiares, nesta linha, Buttow et al afirmam que o TDAH “é uma síndrome neurocomportamental com sintomas classificados em três categorias: desatenção, hiperatividade e impulsividade”, e tal desordem comportamental, “caracteriza-se por um nível inapropriado de atenção em relação ao esperado para a idade, com ou sem impulsividade e/ ou hiperatividade, levando a distúrbios motores, perceptivos, cognitivos e comportamentais que geram dificuldades globais no desenvolvimento infantil”. (BUTTOW *ET AL*, 2019, p. 109).

Em relação ao diagnóstico para detectar os sintomas do TDAH, os protocolos, de forma geral, recomendam que deverá ser feito uma avaliação por uma equipe multidisciplinar

com neuropediatra, psicólogo e psicopedagogo, dentre outros profissionais, dependendo dos problemas apresentados pelo paciente, como fonoaudiologista com pacientes com problemas de fala e escuta, e fisioterapeuta para pacientes com problemas de motricidade. O prazo de avaliação do paciente deve ser no mínimo 6 meses e os neuropediatras se seguem para estabelecer suas avaliações pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais da Associação Americana de Psiquiatria (DSM – V), que classifica o transtorno com predomínio da desatenção, com predomínio de hiperatividade-impulsividade e com estas duas relacionadas.

Para Buttow *et al*, “esse manual apresenta uma lista de dezoito sintomas, sendo nove de desatenção, seis de hiperatividade e três de impulsividade (estes dois últimos computados conjuntamente), sendo que os indivíduos com até dezessete anos de idade precisam apresentar seis dos sintomas listados” (BUTTOW *ET AL*, 2019, p. 109), já em relação aos sujeitos acima de dezessete anos devem apresentar apenas cinco sintomas. Assim, nesta esteira, os mesmos autores afirmam que, “os sintomas devem estar presentes antes dos doze anos de idade. Para serem considerados clinicamente significativos, devem estar presentes por pelo menos seis meses, serem nitidamente inconsistentes com a idade do indivíduo” (BUTTOW *ET AL*, 2019, p. 110), dessa forma, os autores sustentam que os sujeitos devem apresentar muita desatenção ou inquietação para sua idade e comprometer ao menos duas diferentes áreas, como família e escola.

Diante deste contexto, o psicopedagogo tem um papel importante na avaliação, no diagnóstico e na intervenção de pacientes com suspeita de TDAH, pois os problemas desencadeados por este transtorno comprometem o rendimento escolar, além do comportamental, em virtude da dificuldade de se manter concentrado e atento às informações repassadas para cada tarefa a ser realizada. “Essas dificuldades intensificam-se nas situações grupais, já que elas exigem atenção sustentada e seletiva para o manejo da grande quantidade de informação que é gerada”. (BUTTOW *ET AL*, 2019, p. 110).

No diagnóstico do paciente com suspeitas de TDAH, é importante a entrevista com os pais, com o paciente e com a escola, sendo que o diagnóstico é caracterizado como clínico, com base nos sistemas de classificação do DSM-5 e da CID-10, assim, Wager *et al* afirma que, “a avaliação do TDAH deve incluir entrevistas com pais ou responsáveis e com o próprio paciente, investigação acerca do funcionamento escolar, de comorbidades psiquiátricas e revisão do histórico médico, psicossocial e familiar”. (WAGER *ET AL*, 2016, p. 573).

Assim, existem diversos discursos em relação às causas do TDAH, que, para muitos pesquisadores, as principais causas estão relacionadas aos aspectos biológicos ou neuropsicológicos, apesar de fortes evidências na direção das causas ambientais, genéticas e biológicas, ainda não é possível afirmar as reais causas deste transtorno, “nesse sentido, diferentes modelos teóricos foram propostos para explicar os déficits neuropsicológicos e seu impacto no comportamento de indivíduos com TDAH. (WAGER *ET AL*, 2016, p. 574).

Além das causas biológicas, existem também estudos que tratam as causas de TDAH relacionadas aos fatores sociais e culturais, que segundo Silva e Batista, “tais estudos consideram que fatores ambientais, sociais, educacionais e culturais são importantes no processo de desenvolvimento humano e, conseqüentemente, nos aspectos relacionados ao comportamento infantil” (SILVA, BATISTA, 2020, p. 12), assim, estes autores fazem uma crítica aos fatores prevalentemente biológicos, devendo ser também levado em consideração outros fatores para as causas do TDAH, conforme relacionados acima.

Nesta esteira, na atualidade, o TDAH é caracterizado como um transtorno que tem origem multifatorial, ou seja, ocasionados por fatores genéticos e não genéticos, de origem biológica e também ambiental, fato este afirmando por Banerjee *et al* (2007) que caracteriza o TDAH como um transtorno de origem multifatorial e com interações das condições ambientais e fatores genéticos ao mesmo tempo. Arruda também corrobora com este conceito de multifatorialidade, afirmando que o TDAH, “é um transtorno mental crônico, multifatorial, neurobiológico, de alta frequência e grande impacto sobre o portador, sua família e a sociedade.” (ARRUDA, 2006, p. 9)

No processo de diagnósticos do TDAH, devem sempre ser levados em consideração, na avaliação neuropsicológica, os dados clínicos do paciente, que são fornecidos pelos psicólogos e psicopedagogos e, nesse processo, os relatos da família e dos docentes são fundamentais na avaliação do paciente. “Os estudos de Coutinho *et al* (2009), Marcon *et al* (2016) e Effgem *et al*. (2017) destacam ser necessário também a aplicação de escalas e questionários para pais e professores, pois nem sempre as crianças conseguem fazer um relato preciso acerca do seu comportamento”. (BUTTOW *ET AL*, 2019, p. 110).

No processo histórico de sistematização das nomenclaturas do TDAH, Antony e Ribeiro (2008) e Santos e Vasconcelos (2010), observaram em suas pesquisas uma variedade de nomes utilizados para nomear o TDAH, que foi assim caracterizada: na década de 1940 como lesão cerebral mínima; na década de 1960 reação hiperkinética da infância; na década

de 1970 de distúrbio do déficit de atenção com ou sem hiperatividade; na década de 1980 de distúrbio de déficit de atenção e hiperatividade; e década de 1990 de transtorno de déficit de atenção e hiperatividade. Contudo, diante das várias terminologias, a caracterização de alterações centradas no indivíduo permanece a mesma. (SILVA; BATISTA, 2020)

Diante do acompanhamento dos múltiplos profissionais que atuam na avaliação, diagnóstico e intervenção de pacientes com TDAH, o psicopedagogo tem um importante papel nesse processo de acompanhamento dos indivíduos com este transtorno e outros, que muitas vezes, resultam em estigmas ao paciente que utiliza a medicalização para seu tratamento, interferindo nas suas relações escolar e social, principalmente no processo de ensino e aprendizagem.

3 A IMPORTÂNCIA DO PAPEL DO PSICOPEDAGOGO

Segundo Bossa (2007), a Psicopedagogia surgiu no século XIX na Europa e relacionava-se à área médica e, nesta época, acreditava-se que os problemas de aprendizagem tinham natureza biológica e a deficiência estava diretamente relacionada às causas das dificuldades de aprendizagem, tendo o paciente de ser acompanhado por um médico e um pedagogo constantemente, mas, atualmente, acredita-se que a deficiência pode ser uma das possíveis causas do déficit de aprendizagem (ROSA, 2015).

No Brasil, a psicopedagogia chegou na década de 1970, em que os problemas de aprendizagem estavam relacionados a uma disfunção neurológica, camuflando os problemas sociopedagógicos. Assim, “a Psicopedagogia é um campo de atuação em saúde e educação que lida com o processo de aprendizagem humana, seus padrões normais e patológicos, considerando a influência do meio, família, escola e sociedade no seu desenvolvimento, utilizando procedimentos próprios da psicopedagogia” (ROSA, 2015, p. 5).

O psicopedagogo deve desempenhar o papel de mediador no processo de ensino e aprendizagem, orientando o aluno no seu caminho de construção do conhecimento, o que significa “que a ação do professor precisa ser pautada no conhecimento acerca do desenvolvimento psicológico da criança e, conseqüentemente, das suas necessidades”. (ROSA, 2015, p. 16).

A Psicopedagogia é a uma área que vem estudando os processos e as dificuldades de aprendizagem em crianças, jovens e adultos, identificando as dificuldades e transtornos que

impedem os alunos de assimilarem os conteúdos transmitidos na escola. Dessa forma, a psicopedagogia tem estudado os problemas de aprendizagem dos alunos na escola, que vêm interferindo no desenvolvimento escolar, cabendo, pois, ao psicopedagogo identificar e tratar essas dificuldades de aprendizagem, ofertando recursos nas escolas, clínicas e hospitais, para que sejam estabelecidas estratégias que proporcionem uma melhor aprendizagem dos alunos. (DELABETHA; DA COSTA, 2014).

Ressalta-se, ainda, que os fatores extraescolares no convívio familiar e na sociedade devem ser considerados na hora de avaliar os problemas de aprendizagem das crianças. O papel do psicopedagogo não se limita apenas ao ambiente escolar, também deve desenvolver seu trabalho nos espaços hospitalares, clínicos, empresariais, observando, fazendo terapias, tratamentos clínicos e orientando professores, com o objetivo principal de desenvolvimento da aprendizagem do ser humano e sempre trabalhando em parceria de outros profissionais. (DELABETHA; DA COSTA, 2014).

Assim, a Psicopedagogia, como uma área do conhecimento interdisciplinar, objetiva a aprendizagem humana, podendo o psicopedagogo ter, durante o transcorrer do processo de intervenção, o papel de atender as necessidades individuais, podendo ter caráter preventivo, clínico, terapêutico, dessa forma, ampliando sua área de atuação e trabalhando em parcerias com vários profissionais, atuando no ambiente escolar através da orientação de professores; no ambiente empresarial, com foco nas relações interpessoais; no ambiente clínico, por meio do esclarecimento e na atenuação de problemas e, no ambiente hospitalar, através do trabalho em conjunto com a equipe multidisciplinar no pós-operatório de cirurgias e nos transtornos de aprendizagem.

É importante salientar que o profissional da psicopedagogia não trabalha sozinho, sendo sempre importante o acompanhamento de uma equipe multidisciplinar para buscarem soluções para os problemas educacionais e no acompanhamento dos sujeitos envolvidos, como os pais, as escolas e os professores, pois muitas vezes o problema pode ser observado na metodologia do professor ou nas estratégias em casa. Dessa forma, para as autoras, “o psicopedagogo é parte fundamental no auxílio à aprendizagem, tanto no ato de aprender, quanto na modificação de métodos de ensino, tanto no acompanhamento do indivíduo, quanto das pessoas que o rodeiam, seu contexto social”. (DELABETHA; DA COSTA, 2014. p. 6).

Ressalta-se, ainda, que o professor deve avaliar constantemente o conhecimento de seus alunos, observando sempre que cada aluno tem seu ritmo, mesmo que utilize de várias

técnicas de aprendizagem e atividades lúdicas, é importante reavaliar e pesquisar as causas pelas quais alguns alunos não conseguem alcançar o nível escolar desejado, dessa forma, nessa hora sendo importante o papel do psicopedagogo para orientar a escola a detectar e diagnosticar onde estão as causas dos problemas de aprendizagem dos alunos, que também podem ser ocasionadas pela forma de ensinar dos professores, por fatores extraescolares ou distúrbios nos alunos (DELABETHA; DA COSTA, 2014).

A importância do papel do profissional da psicopedagogia é evidente, pois sempre busca contribuir no processo de desenvolvimento humano, em que muitas vezes os pacientes são diagnosticados com distúrbios de aprendizagem. Para isso, o psicopedagogo deve acompanhar o sujeito, avaliando os possíveis problemas do processo de ensino e aprendizagem, conjuntamente com a escola, que tem um papel fundamental de detectar os problemas enfrentados pelos alunos e poder direcionar para os profissionais adequados. Nesta esteira, a família também tem um papel fundamental nesse processo de acompanhamento de ensino e aprendizagem de seus filhos, fora e dentro da escola (DELABETHA, DA COSTA, 2014).

Para Porto (2011), a Psicopedagogia como área do conhecimento que estuda a aprendizagem humana surgiu da demanda dos problemas de aprendizagem. Dessa forma, o psicopedagogo se preocupa com os processos de aprendizagem, “como se aprende, como essa aprendizagem varia e como se produzem as alterações na aprendizagem, como reconhecê-la, tratá-las e preveni-las”. Que para Bossa, a Psicopedagogia se estrutura no processo de aprendizagem humana, dentro de um padrão evolutivo normal e patológico, influenciado pelo meio familiar, escolar e da sociedade no seu desenvolvimento. (LIMA, 2016).

Evidencia-se, ainda, a importância do papel do psicopedagogo, como forma de prevenção do fracasso escolar e das dificuldades que envolvem os professores e alunos, especificamente na educação de jovens e adultos, que é importante desenvolver subsídios motivacionais na superação de problemas de aprendizagem, tomando como essencial compreender o processo de ensino e aprendizagem dos sujeitos, para a construção de novos saberes (LIMA, 2016).

Por fim, ressalta-se a contribuição do trabalho do psicopedagogo nas formas de pensar, agir e sentir diante dos conteúdos e no auxílio do processo de ensino e aprendizagem dos alunos, das dificuldades enfrentadas pela comunidade escolar, tendo respeito às particularidades e subsidiando-os de meios para que possam adquirir novos conhecimentos.

4 METODOLOGIA

O tipo de pesquisa abordada foi o levantamento bibliográfico, através da coleta de dados de estudos secundários qualitativos de artigos científicos, selecionados através da revisão sistemática. Este é um método que vem sendo utilizado por profissionais em diferentes áreas, pois muitas vezes estes não têm tempo para realizar a leitura de todo o conhecimento científico disponível devido ao volume alto, além da dificuldade para realizar a análise crítica dos estudos.

Uma revisão sistemática, assim como outros tipos de estudo de revisão, é uma forma de pesquisa que utiliza como fonte de dados a literatura sobre determinado tema. Esse tipo de investigação disponibiliza um resumo das evidências relacionadas a uma estratégia de intervenção específica, mediante a aplicação de métodos explícitos e sistematizados de busca, apreciação crítica e síntese da informação selecionada. As revisões sistemáticas são particularmente úteis para integrar as informações de um conjunto de estudos realizados separadamente sobre determinada terapêutica/intervenção, que podem apresentar resultados conflitantes e/ou coincidentes, bem como identificar temas que necessitam de evidência, auxiliando na orientação para investigações futuras. (SAMPAIO; MANCINI, 2007, p.84).

Para ajudar no processo de elaboração da revisão sistemática, foram seguidas as seguintes etapas: Elaboração da pergunta norteadora; Busca ou amostragem na literatura; Coleta de dados; Análise crítica dos estudos incluídos; Discussão dos resultados; Apresentação da revisão sistemática.

A busca na literatura foi realizada nas bases de dados da SCIELO, utilizando o seguinte descritor: TDAH. Estabeleceu-se como critérios de inclusão os artigos científicos com texto completo que contemplassem a temática, publicados no idioma português e selecionados nos últimos cinco anos (2016 a 2020), assim, sendo selecionados 41 trabalhos. Os critérios de exclusão foram os trabalhos que não eram artigos científicos e aqueles que, após a leitura, não abordavam a temática em estudo.

Numa avaliação inicial, por meio dos resumos e na leitura dos artigos, verificou-se que 23 estavam fora da temática abordada e que versavam em alguma medida sobre o TDAH, mas estavam relacionados a outras temáticas específicas, sendo então estes artigos excluídos da revisão de análise e discussão dos resultados. Portanto, a revisão sistemática foi estruturada por meio de 18 artigos.

Os artigos selecionados foram analisados através de quatro categorias temáticas, as quais são: *Diferentes versões do TDAH; versões sobre do TDAH na mídia; sobre a crítica a medicalização; e sobre psicoeducação.*

As análises dos dados foram realizadas de forma descritiva e qualitativa. Os estudos foram reunidos nestas quatro categorias acima, as quais permitiram avaliar as evidências, bem como identificar a necessidade de investigações futuras acerca da temática.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta pesquisa, foram selecionados 18 trabalhos que guardam relação com o presente estudo, a partir de diferentes vieses, de modo que foram divididos em quatro categorias: (1) *Diferentes versões do TDAH; (2) versões sobre do TDAH na mídia; (3) sobre a crítica a medicalização; e (4) sobre psicoeducação.*

A primeira categoria, *diferentes versões do TDAH*, foi composta por 4 trabalhos que tratam de algumas características específicas do TDAH, conforme indicados no Quadro 1.

Quadro 1 – Síntese dos estudos encontrados sobre diferentes versões do TDAH

Autor (ano)	Título	Periódico	Metodologia
Domitrovic e Caliman (2017)	As controvérsias sócio-históricas das práticas farmacológicas com o metilfenidato	Psicologia & Sociedade	Pesquisa bibliográfica
Ferreira e Moscheta (2019)	A Multiplicidade do TDAH nas Diferentes Versões Produzidas pelas Ciências no Brasil	Psicologia: Teoria e Pesquisa	Revisão Sistemática
Barbarini (2020)	Corpos, mentes”, emoções: uma análise sobre TDAH e socialização infantil	Psicologia & Sociedade	Etnografia e pesquisa de campo
Silva e Batista (2020)	Crianças agitadas/desatentas: modelos de explicação	Pro-Posições	Pesquisa bibliográfica

Fonte: Banco de dados da SCIELO

Os trabalhos aqui agrupados apresentam aproximação com a temática em estudo, pois discutem sobre os diferentes vieses do termo TDAH e apresentam diferentes discursos em relação ao transtorno estudado e do uso da medicalização para seu tratamento.

Domitrovic e Caliman (2017) analisaram as práticas farmacológicas que atravessam o consumo do metilfenidato, problematizando as seguintes questões: como e quando tal substância emerge na história como um problema e uma controvérsia sociotécnica? Como ele

foi, é, tem sido visto, usado e reinventado? Como um olhar ampliado sobre sua emergência pode auxiliar a construir um posicionamento engajado e crítico frente ao seu crescente consumo? Partiram do pressuposto que tanto o TDAH quanto aos usos do metilfenidato é construído por práticas e seus postulados são passíveis de questionamento e problematização por ganharem o estatuto de verdade no campo social. Os autores apresentam que o aumento do diagnóstico de TDAH é uma das principais causas do crescimento do consumo do metilfenidato. No âmbito da pesquisa científica nacional, enfatizam que há em debate duas análises sobre o TDAH, sendo que uma afirma que os profissionais da saúde se tornaram capazes de identificação dessa doença, que sempre esteve presente na sociedade, portanto, era subdiagnosticada, já na segunda análise afirmam que há uma banalização do diagnóstico, criando-se estigmas no contexto social e uma problemática de que este transtorno causa dificuldades de aprendizagem na escola; afirmam que fica evidente nos debates que os dados sobre o metilfenidato não são consideradas evidências absolutas e que há uma multiplicidade de versões que se transformam com os arranjos dos acontecimentos.

Ferreira e Moscheta (2019) discutiram as diferentes realidades performadas pela literatura científica brasileira sobre o TDAH, apontando diferentes versões, ainda que coexistam estas múltiplas versões de TDAH, tem aquelas que se destacam, como a descrição biológica. Apresentam dentro de um universo artigos, em que existem aqueles que falam que o TDAH é o transtorno mais comum na infância, que ocorre com mais frequência na idade escolar, enquanto outros enfatizam o transtorno como uma forma de medicalização e patologização dos comportamentos das crianças, alguns já apresentam como uma combinação de fatores biológicos e sociais que impactam no desenvolvimento das crianças, por fim, em outros é caracterizado como fenômeno complexo e controverso.

Barbarini (2020) problematiza a categoria TDAH, entendendo que sua delimitação clínica e social, assim como de seus sintomas (hiperatividade, desatenção e impulsividade), orienta-se por normas de conduta que configuram o processo de inserção social da criança, isto é, a socialização. O autor afirma que a relação de desempenho cognitivo, controle emocional e as descobertas científicas em relação à composição do corpo humano dão um tom para a descrição do diagnóstico do TDAH e que ganham grande credibilidade pela mídia, família e escola, em conjunto com a Ritalina® e a outros medicamentos psiquiátricos, e aos discursos em relação às expectativas sociais do comportamento infantil. Para o autor, as questões de gênero e de estigma sobre o TDAH, possibilitaram compreender que os padrões

de comportamento infantil definidos ao longo do tempo, como uma relação entre o que é “certo” ou “errado”, quando abordado no campo médico especializado, passe a se transformar na dicotomia entre o que é normal e patológico, no entanto para o autor não se trata de dizer que as considerações psiquiátricas sobre o TDAH não são verídicas, mas acredita que devem ser analisados os diferentes contextos sociais de convívio.

Silva e Batista (2020) buscaram apresentar diferentes abordagens identificadas na literatura sobre o fenômeno de agitação e desatenção de crianças em idade escolar. Os autores interessaram-se pela temática levando em consideração o aumento desse fenômeno como sintoma de um transtorno, o TDAH, e da medicalização do processo de ensino-aprendizado, contudo notaram que as pesquisas abordam a agitação e a desatenção como uma forma predominantemente social, que envolve múltiplos fatores e complexidade, assim a crítica feita pelos autores diz respeito aos que consideram o fator biológico como componente preponderante na explicação dos comportamentos, considerados como desencaixado dos demais, ocasionando altos índices de consumo de metilfenidato para o tratamento do paciente diagnosticado com TDAH

Na segunda categoria, *versões sobre do TDAH na mídia*, foram selecionados 3 trabalhos que tratam das versões sobre o TDAH no meio midiático, principalmente nas redes sociais, conforme evidenciado no Quadro 2.

Quadro 2 – Síntese dos estudos encontrados sobre versões do TDAH na mídia

Autor (ano)	Título	Periódico	Metodologia
Brzozowski e Caponi (2017)	Representações da mídia escrita/digital para o transtorno de déficit de atenção com hiperatividade no Brasil (2010 a 2014)	Physis Revista de Saúde Coletiva	Análise Documental
Esher e Castro (2017)	Mapeando espaços virtuais de informação sobre TDA/H e usos do metilfenidato	Physis Revista de Saúde Coletiva	Análise Documental
Martinhago (2018)	TDAH e Ritalina: neuronarrativas em uma comunidade virtual da Rede Social Facebook	Ciência & Saúde Coletiva	Etnografia

Fonte: Banco de dados da SCIELO

Os trabalhos aqui agrupados, apresentam aproximação com a temática em estudo, pois discutem diferentes versões sobre TDAH nas mídias sociais e o uso da medicalização.

Brzozowski e Caponi (2017) descrevem de que forma o discurso científico sobre o TDAH vem sendo traduzido e apresentado pela mídia brasileira para a população, a partir da

análise de 81 artigos jornalísticos recentes de dois importantes jornais do Brasil: a *Folha de São Paulo* e *O Globo*. Para os autores, o discurso científico preponderante não conseguiu um espaço exclusivo na mídia, ainda que represente 65% das reportagens analisadas, mas é dividido com os argumentos da medicalização e da crítica dos diagnósticos e terapias em excesso, que representam 34% desta visão negativa do diagnóstico e tratamento do TDAH. Assim, enfatizam que a medicalização psicotrópica em crianças talvez não seja tão aceita na sociedade.

Esher e Castro (2017) buscaram demonstrar importantes espaços virtuais de circulação de informações sobre o metilfenidato, mapeados por *softwares* disponíveis para pesquisadores, evidenciando os desdobramentos do processo de farmacêuticalização, que marcam os usos atuais do metilfenidato, produto este muito utilizado no tratamento de TDAH. Os autores afirmam que o consumo do metilfenidato está diretamente relacionado ao conceito de psicofarmacêuticalização da vida cotidiana e ressaltam que essa análise apresentada não indica algum nexos causal entre a popularização das informações da medicalização e o crescimento do consumo de metilfenidato.

Martinhago (2018), buscou compreender como os conteúdos veiculados nas redes sociais (comunidades virtuais) influenciam no modo pelo qual os familiares, membros destas comunidades, entendem o TDAH e o tratamento, bem como lidam com seus filhos com suspeita ou já diagnosticados com TDAH, colocando em discussão o aumento dos diagnósticos falso-positivos de transtornos mentais em crianças e adolescentes e o crescimento no consumo de medicamentos. O autor observou que algumas crianças apresentaram problemas de saúde pelas reações adversas dos medicamentos e os pais tiveram que procurar outros caminhos para tentarem solucionar o problema de comportamento ou aprendizagem de seus filhos, que, para o autor, até pouco tempo atrás, eram solucionados na família. Assim, enfatiza que o sofrimento por esta dificuldade induz os pais a pensarem que há necessidade de um acompanhamento médico, pois vivemos em uma época que a vida se tornou patologias.

Na terceira categoria, *sobre a crítica a medicalização*, selecionei 10 trabalhos que tratam das críticas sobre a medicalização do TDAH, conforme evidenciado no Quadro 3.

Quadro 3 – Síntese dos estudos encontrados sobre a crítica a medicalização

Autor (ano)	Título	Periódico	Metodologia
Santos; Tuleski; Franco (2016)	TDAH e boa avaliação no IDEB: uma correlação possível?	Psicologia Escolar e Educacional	Entrevista compreensiva
Signor (2016)	Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade: implicações para a constituição leitora do aprendiz	RBLA	Estudo de caso
Schicotti; Abrão; Gouveia Júnior (2016)	Algumas experiências profissionais acerca da construção do diagnóstico do TDAH	Fractal, Rev. Psicol	Estudo de caso
Cruz; Okamoto; Ferrezza. (2016)	O caso Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e a medicalização da educação: uma análise a partir do relato de pais e professores	Interface: comunicação saúde educação	Entrevista compreensiva em conjunto com a análise documental
Cruz et al (2016)	Uma crítica à produção do TDAH e a administração de drogas para crianças	Estudos de Psicologia	Revisão da literatura e análise documental.
Freitas; Baptista. (2017).	A atenção, a infância e os contextos educacionais.	Psicologia & Sociedade	Pesquisa bibliográfica
Signor; Berberian; Santana (2017)	A medicalização da educação: implicações para a constituição do sujeito/aprendiz	Educ. Pesqui	Estudo de caso
Beltrame; Gesser; Souza (2019)	Diálogos sobre medicalização da infância e educação: uma revisão de literatura	Psicol. estud.	Revisão integrativa de Literatura
Santos e Tuleski (2020)	Medicalização no sistema de progressão continuada: inclusão ou omissão?	Fractal: Revista de Psicologia	Pesquisa de campo e bibliográfica
Signor e Santana (2020)	A constituição da subjetividade na criança com diagnóstico de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade	Revista de Estudos do Discurso está sob Licença Creative Commons CC - By 4.0	Estudo de caso

Fonte: Banco de dados da SCIELO

Os trabalhos agrupados, nessa categoria, guardam aproximação com a temática “TDAH”, pois fazem uma crítica ao uso de medicalização aos pacientes com TDAH.

Santos, Tuleski e Franco (2016) destacam em sua pesquisa duas características que podem constituir o caminho para minimizar as práticas atuais do uso medicalização por pacientes diagnosticados com TDAH. O primeiro apontamento é que o uso da medicação, como a Ritalina®, tornou-se naturalizada e necessária para o desempenho pretendido no âmbito escolar e tal prática deve ser problematização nos diversos ramos sociais como na ciência, medicina, educação e família. O segundo é na intensificação do dilema ético dos

docentes, devendo conhecer de forma aprofundada os efeitos colaterais do uso de medicamentos, para sentirem-se mais responsáveis perante as causas dos encaminhamentos, diagnósticos e tratamentos com medicamentos, possibilitando encontrar alternativas e práticas no surgimento das dificuldades de aprendizagem. Enfatizam que há uma falta de conscientização das implicações da biologização e do uso de medicamentos no tratamento das dificuldades de aprendizagem, colocando-se como obstáculos no ensino diferenciado e no desenvolvimento das funções psicológicas, problematizando uma parte da culpa na formação precária dos professores e na conduta de seus pais.

Signor (2016) apresenta a avaliação fonoaudiológica, pautada no paradigma sócio-histórico, de um menino de 12 anos de idade e com diagnóstico de TDAH e demonstrou as implicações do diagnóstico de TDAH para a constituição leitora do aprendiz, mostrando que inserção do processo de medicalização na vivência do aluno, desenvolveu um sofrimento na prática de leitura e escrita, considerando que para ler e escrever é preciso foco, mas que não consegue ter. Assim, o autor conclui que a escola deveria primeiramente acolher o aluno na sua singularidade, propondo outras práticas de leitura e escrita significativas, ao invés de encaminhá-lo aos profissionais de saúde.

Cruz *et al* (2016) analisou a prática de realização de diagnósticos em seus efeitos de produção do TDAH como transtorno em crianças em período escolar e uma crítica aos encaminhamentos indiscriminados para psiquiatras, diante de acontecimentos que são transformados em queixa escolar e tomados como anormalidades. Assim, o autor enfatiza que o TDAH e outros diagnósticos de transtornos em crianças estão diretamente relacionados a uma lógica biologizante e medicalizante dos problemas educacionais, associado ao uso de psicofármacos, gerando efeitos de controle e a reinserção das infâncias rebeldes e improdutivas nos circuitos considerados normais para o desenvolvimento das crianças e para sua escolarização, por meio da manipulação bioquímica dos corpos. Assim, o autor chama a atenção para uma reflexão crítica de estratégias do consumo indiscriminado de drogas (anfetaminas) por crianças diagnosticadas com transtornos considerados psiquiátricos e da importância de uma reflexão de políticas educacionais e saúde no combate a redução de uso desses psicotrópicos.

Cruz, Okamoto e Ferrezza (2016) problematizam o fenômeno da psicopatologização da vida que perpassa a infância na atualidade e relacionaram o relato de pais e professores sobre crianças diagnosticadas com TDAH à discussão em torno do processo de medicalização da

educação. Os autores perceberam que os problemas de aprendizagem e comportamentais são compreendidos unicamente no sujeito, assim a compreensão das dificuldades apresentadas pelos indivíduos estão inseridas dentro de uma lógica medicalizante, utilizando-se como ferramentas as tecnologias e saberes como forma de controle comportamental dos sujeitos, dessa forma, reduzindo a produção de sua subjetividade a apenas um diagnóstico e esquecendo o contexto de suas relações familiares, escolares e sociais. Enfim, uma doença que justifica as falhas, as dificuldades e os sofrimentos dos sujeitos. Contudo, a popularização de termos, como “criança hiperativa”, tem preocupado estudiosos que problematizam as bases biológicas e o tratamento medicamentos, denunciando a banalização dos diagnósticos, passando também a ter um aval científico e médico por muitos inquestionáveis. Assim os docentes transferem essa incumbência para a ciência médica, mas muitas vezes, tem outro caráter. Para os autores, a educação passa por vários problemas de ordem política, social e econômica, sofre influência de déficits não orgânicos, mas políticos, econômicos e sociais, precarização da educação, desvalorização dos professores, entre outros, que podem contribuir do não acompanhamento de crianças consideradas com transtorno.

Freitas e Baptista (2017) analisaram o conceito de atenção e suas conexões com o campo educacional e buscaram problematizar a ênfase dada à desatenção e os processos de medicalização do viver. Para os autores na escola não é muito frequente discursos preocupados com a atenção em termos de valorização pedagógica, mas sim movimento dos corpos que causa no professor instabilidades no desejo de serem contidos, assim tem-se buscado na medicalização da vida como forma generalizada o controle dos corpos e como alternativa para a minimização dos impasses e do sofrimento dos sujeitos.

Signor, Berberian e Santana (2017) analisaram as bases socioeducacionais que constituem o chamado TDAH e suas implicações para a subjetividade, socialização e apropriação da linguagem escrita por parte do aluno considerado hiperativo/desatento (“resistente” ao que é proposto pela escola). Os resultados dos seus estudos apontaram que quando se analisa em intensidade a interações sociais em que as crianças estão inseridas, compreende-se as bases socioeducacionais que estão constituídos o provável transtorno. Os autores mostraram, ainda, múltiplas peculiaridades envolvendo o dito normal e a patologia relacionada à atenção, comportamento e aprendizagem. Destarte, ressaltam que não estão relativizando os problemas reais que precisam de acompanhamento educacional e até mesmo

de profissionais da saúde, mas sim estão discutindo a constituição de um transtorno concebido pelas práticas sociais.

Beltrame, Gesser e Souza (2019) revisaram a produção científica brasileira sobre medicalização no âmbito da educação e evidenciaram uma diversidade de compreensões sobre o conceito de medicalização. Os autores, através da análise de alguns artigos, destacaram a constituição de práticas educativas individualizadas e construção de sofrimentos da queixa escolar, andando em descompasso entre o cotidiano da escola e a produção de literatura, evidenciando um aumento de diagnósticos de TDAH e do uso medicamentos, dessa forma, ampliando o consumo nas indústrias farmacêuticas. Por fim, os autores afirmam a necessidade de engendrar práticas não medicalizantes, objetivando constituir as crianças como aprendentes nas escolas e participativas no modo que vivem no mundo.

Schicotti, Abrão e Gouveia Júnior (2016) apresentam um breve histórico da construção do diagnóstico do Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade e buscaram analisar como este diagnóstico ocupa, atualmente, o lugar da moral e da disciplina na educação das crianças, bem como demonstrar as fragilidades e controvérsias dessa patologia - que já adquiriu diversas nomenclaturas ao longo de seus cem anos de existência. Assim, os autores demonstraram que muitas crianças inteligentes e saudáveis estão sendo diagnosticadas com TDAH e sendo medicadas sem necessariamente, diagnósticos estes que, feitos às pressas, sem aprofundamento sobre a história de vida do paciente e do contexto em que vive, dessa forma, contribuindo na fabricação indivíduos acrílicos e sem consciência de si e do mundo que habitam.

Santos e Tuleski (2020) abordaram o processo de medicalização da infância, realizando um mapeamento dos alunos do primeiro ciclo do ensino fundamental da rede municipal de uma cidade paranaense, que foram diagnosticados e medicados devido aos ditos transtornos de aprendizagem, entre eles o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Os autores através desta pesquisa afirmam que o uso da medicalização no âmbito da educação cresce rapidamente e o sistema de progressão continuada colabora com essa problemática, as dificuldades de aprendizagem são tratadas como transtornos por diferentes motivos e que ultrapassam concepções individualizadas, falta de políticas educacionais, precarização da educação, chegada de fármacos e sem nenhuma ação diferenciada na conduta da escola, família e sociedade. Por fim, os autores afirmam que esse processo possui muitas contradições, mas que somadas, acabaram nos fenômenos de medicalização e biologização da educação.

Signor e Santana (2020) analisaram implicações subjetivas decorrentes do processo de patologização da educação. Para os autores, entende-se, nesta pesquisa, que a “doença” tem início quando a criança começa a ser *apontada* na escola: “agitada”; “desatenta”; “não consegue aprender”; “tem dificuldades”; “não para quieta”; “vive no mundo da lua”; “é muito brigão” etc. Assim, os autores apontam que estudantes envolvidos neste meio são considerados desqualificados e resistentes ao que é proposto pela educação, passando por um processo de estigmatização estabelecido pelo meio social em que estão inseridos, sendo então encaminhados para os profissionais da saúde e passando por um processo de medicalização. Por fim, os autores afirmam que através do empoderamento dos profissionais do ensino, constituirá uma escola que inclua todos os alunos e se libertará dos processos de medicalização daqueles considerando desatentos, agitados, deficientes, entre outros.

Na quarta categoria, *sobre psicoeducação*, selecionou-se 1 trabalho que trata da psicoeducação como uma forma de conscientização do tratamento do TDAH, conforme evidenciado no Quadro 4.

Quadro 4 – Síntese dos estudos encontrados sobre a psicoeducação

Autor (ano)	Título	Periódico	Metodologia
Oliveira, C. T., Dias, A. C. G. (2018)	Psicoeducação do Transtorno do Déficit de Atenção/Hiperatividade: O Que, Como e Para Quem Informar?	Trends in Psychology / Temas em Psicologia	Revisão sistemática de literatura

Fonte: Banco de dados da SCIELO

O trabalho agrupado nessa categoria guarda aproximação com temática geral “TDAH”, em virtude de apresentar a importância da conscientização do acompanhamento do paciente com TDAH nos diversos grupos sociais.

Oliveira e Dias (2018) buscaram caracterizar as publicações científicas sobre psicoeducação do Transtorno do Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH). Os autores apontam que ampliar o conhecimento do paciente/familiar sobre seu problema, a fim de aumentar a compreensão da sua condição, auxiliar na tomada de decisões com base em informações confiáveis e promover maior adesão ao tratamento. Para eles, a psicoeducação deve atender familiares, pacientes, docentes e profissionais da saúde, devendo ser intervir de forma didática e linguagem compatível com o público, assim, os conhecimentos devem ser repassados de diversas formas: “individual ou grupal, palestras, rodas de conversas, manuais, vídeos ou biblioterapia”. Destarte, os autores destacam que a psicoeducação traz um

crescimento do conhecimento sobre o transtorno, mudanças e participação no tratamento e evita recaídas, assim, afirmar que a psicoeducação do TDAH traz uma melhor qualidade de vida e em menor grau os sintomas.

A partir dos trabalhos analisados nas 4 categorias, observa-se que os discursos do uso da medicalização no tratamento de pacientes com TDAH são alvo de grandes críticas por muitos pesquisadores, pois, para eles, a medicação mexe com a subjetividade do indivíduo e na forma de perceber seu entorno, tornando-se sujeitos alheios ao mundo em que vivem.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito do TDAH foi sendo caracterizado e mudado ao longo do tempo, sendo constituído por alguns pesquisadores de suas épocas através de estigmas devido ao uso da medicalização no tratamento de pacientes diagnósticos com este transtorno, preconceito este afirmado pelos autores Domitrovic e Caliman (2017), Barbarini (2020), Signor e Santana (2020) estudados nos resultados desta pesquisa, estigmas estes também criados e naturalizados pela própria sociedade.

Observou-se também que o TDAH foi sendo constituído por dois vieses: o da natureza biológica e da construção social, e que na atualidade está sendo caracterizado por alguns autores como sendo de origem multifatorial, agregando os fatores biológicos e sociais.

Destaca-se a importância da equipe multidisciplinar no acompanhamento dos pacientes suspeitos de TDAH, em especial ao psicopedagogo, que deve acompanhar o paciente no processo de ensino e aprendizagem, ofertando uma melhor qualidade de vida e livrando-o de preconceitos.

Os resultados evidenciaram um discurso com uma crítica predominante no uso da medicalização no tratamento de pacientes diagnosticados com TDAH, e tal medicação é considerada por muitas com uma influência do mundo do capitalismo, pois quem sai lucrado são as empresas que comercializam tal medicação.

Mas, diante dos estudos encontrados, existem aqueles que acreditam nas evidências da ciência e entendem que as causas do TDAH são de origem multifatorial, e os pacientes precisam ser acompanhados por uma equipe multidisciplinar, com destaque para o psicopedagogo no acompanhamento do processo de ensino e aprendizagem, assim, deve-se

sempre ser levado em consideração durante o processo de acompanhamento do paciente sua constituição social e biológica, para uma melhor intervenção na escola e na família.

Este estudo mostrou muitas divergências no discurso de usar ou não a medicação no tratamento do paciente diagnosticado com TDAH. Dessa forma, torna-se evidente a necessidade de pesquisas futuras que tratem da problematização do uso da medicalização no tratamento adequado do TDAH, para que as pessoas que dele precisam possam otimizar o seu processo de ensino e aprendizagem e oferecer maior segurança e orientações aos profissionais envolvidos no acompanhamento, sobretudo os psicopedagogos.

REFERÊNCIAS

- American Psychiatric Association. Diagnostic and statistical manual of mental disorders. 5th ed. Arlington, VA: American Psychiatric Association; 2013. 947p.
- ANTONY, Sheila Maria da Rocha; RIBEIRO, Jorge Ponciano. Compreendendo a hiperatividade: Uma visão da Gestalt-terapia. **Comunicação em Ciências da Saúde**, v. 19, n. 3, p. 215-224, jul.-set. 2008. Disponível em: <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=504983&indexSearch=ID>. Acesso em: 07 maio 2021.
- ARRUDA, M.A. **Levados da Breca**: um guia sobre crianças e adolescentes com o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade. Ribeirão Preto: M.A.Arruda, 2006.
- BANERJEE, T.D.; MIDDLETON, F.; FARAONE, S.V. **Environmental risk factors for attention-deficit hyperactivity disorder**. Acta Paediatrica, v. 96, n. 9, Sept. 2007.
- BARBARINI, Tatiana de Andrade. Corpos, “mentes”, emoções: uma análise sobre TDAH e socialização infantil. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 32, n. 173058, 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32i173058>.
- BELTRAME, Rudinei Luiz; GESSER, Marivete; SOUZA, Simone Vieira de. Diálogos sobre medicalização da infância e educação: uma revisão de literatura. **Psicol. Estud.**, Maringá, v. 24, n. 42566, 2019. <http://dx.doi.org/10.4025/psicoestud.v24i0.42566>.
- BRZOZOWSKI, Fabíola Stolf; CAPONI, Sandra. Representações da mídia escrita/digital para o transtorno de déficit de atenção com hiperatividade no Brasil (2010 a 2014). **Physis**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 4, p. 959-980, dez. 2017. <https://doi.org/10.1590/s0103-73312017000400006>.
- BÜTTOW, Carolina da Silva; FIGUEIREDO, Vera Lúcia Marques de. O Índice de Memória Operacional do WISC-IV na Avaliação do TDAH. Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, RS. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 24, n. 1, p. 109-117, jan./mar. 2019

COUTINHO, Tiago; ESHER, Angela Fernandes; OSORIO-DE-CASTRO, Claudia Garcia Serpa. Mapeando espaços virtuais de informação sobre TDA/H e usos do metilfenidato. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 3, p. 749-769, jul. 2017. <https://doi.org/10.1590/s0103-73312017000300019>.

CRUZ, Bruna de Almeida et al. Uma crítica à produção do TDAH e a administração de drogas para crianças. **Estud. psicol.** Natal, v. 21, n. 3, p. 282-292, set. 2016. <http://dx.doi.org/10.5935/1678-4669.20160027>.

CRUZ, Murilo Galvão Amancio; OKAMOTO, Mary Yoko; FERRAZZA, Daniele de Andrade. O caso Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e a medicalização da educação: uma análise a partir do relato de pais e professores. **Interface (Botucatu)**, v. 20, n. 58, p. 703-714, set. 2016. <https://doi.org/10.1590/1807-57622015.0575>.

DELABETHA, Andiará; DA COSTA, Gisele Maria Tonin. Psicopedagogia e suas Áreas de Atuação. **Revista de Educação do Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai – IDEAU**, v. 9, nº 20, Jul - dez, 2014.

DOMITROVIC, Nathalia; CALIMAN, Luciana Vieira. As controvérsias sócio-históricas das práticas farmacológicas com o metilfenidato. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 29, n.163163, 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29163163>.

FREITAS, Cláudia Rodrigues de; BAPTISTA, Claudio Roberto. A atenção, a infância e os contextos educacionais. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 29, n.140387, 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29140387>.

FERREIRA, Rodrigo Ramires; MOSCHETA, Murilo dos Santos. A Multiplicidade do TDAH nas Diferentes Versões Produzidas pelas Ciências no Brasil. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 35, n.3539, 2019. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e3539>.

LIMA, Nivailda de Andrade. **A Contribuição da Psicopedagogia na Educação de Jovens e Adultos: “um estudo de caso”**. Universidade Federal da Paraíba - Centro de Educação - Departamento de Psicopedagogia, João Pessoa, 2016.

MARTINHAGO, Fernanda. TDAH e Ritalina: neuronarrativas em uma comunidade virtual da Rede Social Facebook. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 10, p. 3327-3336, out. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-812320182310.15902018>.

OLIVEIRA, Clarissa Tochetto de; DIAS, Ana Cristina Garcia. Psicoeducação do Transtorno do Déficit de Atenção/Hiperatividade: O Que, Como e Para Quem Informar?. **Trends Psychol.**, Ribeirão Preto, v. 26, n. 1, p. 243-261, mar. 2018. <https://doi.org/10.9788/tp2018.1-10pt>.

ROSA, Ionara Layanne Amorim. **Psicopedagogia e Aprendizagem: a importância da afetividade como elemento facilitador entre ensinantes e aprendentes**. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

SAMPAIO, Raimundo Furtado; MANCINI, Marisa Cotta. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Rev. bras. fisioter.**, São Carlos, v. 11, n. 1, p. 83-89, fev.. 2007. <https://doi.org/10.1590/S1413-35552007000100013>.

SANTOS, Leticia de Farias; VASCONCELOS, Laércia Abreu. Transtorno do déficit de atenção e hiperatividade em crianças: Uma revisão interdisciplinar. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26, n. 4, p. 717-724. 2010. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722010000400015>

SANTOS, Daniella Fernanda Moreira; TULESKI, Silvana Calvo. Medicalização no sistema de progressão continuada: inclusão ou omissão?. **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro , v. 32, n. 2, p. 154-161, ago. 2020. <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v32i2/5704>.

SANTOS, Daniella Fernanda Moreira; TULESKI, Silvana Calvo; FRANCO, Adriana de Fátima. TDAH e boa avaliação no IDEB: uma correlação possível?. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, v. 20, n. 3, p. 515-522, dez. 2016. <https://doi.org/10.1590/2175-3539201502031037>.

SCHICOTTI, Rosana Vera de Oliveira; ABRAO, Jorge Luis Ferreira; GOUVEIA JUNIOR, Sérgio Augusto. Algumas experiências profissionais acerca da construção do diagnóstico do TDAH. **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 55-62, abr. 2016. <https://doi.org/10.1590/1984-0292/991>.

SIGNOR, Rita de Cassia Fernandes. Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade: implicações para a constituição leitora do aprendiz. **Rev. bras. linguist. apl.**, Belo Horizonte, v. 16, n. 3, p. 309-334, set. 2016. <https://doi.org/10.1590/1984-6398201610076>.

SIGNOR, Rita de Cassia Fernandes; BERBERIAN, Ana Paula; SANTANA, Ana Paula. A medicalização da educação: implicações para a constituição do sujeito/aprendiz. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 43, n. 3, p. 743-763, set. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/s1517-9702201610146773>.

SIGNOR, Rita de Cassia Fernandes; SANTANA, Ana Paula de Oliveira. A constituição da subjetividade na criança com diagnóstico de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade. **Bakhtiniana, Rev. Estud. Discurso**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 210-228, Jun. 2020. <https://doi.org/10.1590/2176-457340739>.

SILVA, Izabel Penteado Dias da; BATISTA, Cecília Guarnieri. Crianças agitadas/desatentas: modelos de explicação. **Pro-Posições**, Campinas, v. 31, n.20170184, 2020. <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2017-0184>.

SCHMIDEK, Helena Cristina Medeiros Vieira et al . Dependência de internet e transtorno de déficit de atenção com hiperatividade (TDAH): revisão integrativa. **J. bras. psiquiatr.**, Rio de Janeiro , v. 67, n. 2, p. 126-134, Jun. 2018. <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000195>.

WAGNER, Flávia; ROHDE, Luis Augusto de; TRENTINI, Clarissa Marcell. Neuropsicologia do Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade: Modelos Neuropsicológicos e Resultados de Estudos Empíricos. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 21, n. 3, p. 573-582, set./dez. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-82712016210311>